



## APÊNDICE

# Genealogia: histórias e Histórias Um “*Case Study*”

Nazzareno Vasapollo

Associated partners



Asociacion Española de  
Educacion Emocional



Co-funded by the  
Erasmus+ Programme  
of the European Union

*The European Commission support for the production of this publication does not constitute endorsement of the contents which reflects the views only of the authors, and the Commission cannot be held responsible for any use which may be made of the information contained therein.*



Nos meus tempos de escola no ensino básico fiquei fascinado com aquelas coisas a que chamávamos “Le Ricerche” (As Investigações) e por tudo o que compreendia como História. Realizavam-se trabalhos, tais como fichas com estampas e colagens de recortes de imagem. Consultavam-se enciclopédias como “Conoscere” e “I Quindici”. Mais...? Os soldados romanos, “cowboys” e índios, a banda desenhada, como “Guerra d’Eroi”... Bom... Um pouco de história, também por ali passava.

A seguir veio o Liceu Científico e, especialmente nos últimos anos, com um espírito rebelde, recusei-me peremptoriamente a estudar Italiano e História. “*Qual é o objetivo?*” Perguntava e pensava. Levei tudo ao extremo, e, nos exames do ensino secundário disse com uma carranca, o que desagradou aos membros da Comissão: “*Não estudei o ano inteiro, porque é que tenho de vir aqui gozar convosco? Não me interessam a História nem o Italiano, não vejo a sua utilidade?*”.

As primeiras viagens, aos 20 anos!... ‘E como turista terei de ler para entender o que estou a ver?!... interessante...’

Licenciei-me em Geologia e durante cerca de dez anos fui sismólogo, não o instrumental, mas sim o sismólogo histórico. Fiz parte de grupos de investigação afetos ao Conselho Nacional de Investigação (CNR) para a revisão das notícias do passado relativas a terremotos. Tive de fazer pesquisas bibliográficas e arquivísticas sobre documentos, os mais coevos possíveis, que tratavam de um dado evento sísmico a fim de rever e mapear a informação conhecida e, através de fórmulas especiais, atribuir parâmetros físicos como magnitude, profundidade hipocentral, etc...

O documento encontrado mais antigo foi um pergaminho que tratava da reconstrução de um castelo após o terremoto de Camerino de 1279. Tudo isto serviria mais tarde para atualizar o Catálogo dos Terramotos do CNR, que, por sua vez, teria influenciado a legislação antissísmica. Fascinante é ver a História que se transformou em Ciência, que se transformou em Leis e, invisível e imperceptivelmente, talvez também tenha salvado vidas humanas no médio e longo prazo.

Depois veio o 3 de novembro de 1993: a minha mãe morreu! Da cidade de Vibo Valentia, na Calábria, onde nasci em 1956 e aonde depois raramente haveria de regressar, tínhamos mudado para a região de Marche em 1974. A minha irmã queria sepultá-la na nossa cidade natal, e não ali, e organizámos a cerimónia fúnebre na Catedral de San Leoluca. Tinham passado quase 20 anos desde a nossa saída. Tinha por certo que a Igreja estaria meio vazia e que se tinham esquecido da minha família. Foi comovente. Surpreendentemente o edifício de culto estava quase cheio!

Tudo isto voltou a ligar-me à minha terra, à minha história, à qual não tinha

dado muita atenção, ocupado com construir um futuro numa região distante e com uma cultura muito diferente.

Aquando da morte da minha mãe, aquela imagem do povo da minha terra, aglomerado à nossa volta, que não se esquecera de nós, significava a primavera. “Mas... *Eu sou o produto de tudo isto... e como é que este ser humano se encaixa no Tempo e na História? Sou o resultado de coincidências, amores, paixões, vidas, mortes, trabalho, migrações... sou o fruto de histórias e Histórias?*”.

Foi assim que nasceu a minha paixão pela Genealogia e Onomástica.

Comecei a aplicar na investigação, nestas duas áreas, as competências de pesquisa arquivística e bibliográfica que tinha desenvolvido na área da Sismologia Histórica. Estudei textos para me orientar sobre como fazê-lo, e, depois, pus-me a procurar dados em arquivos históricos de freguesia, municipais e estatais.

Retrocedendo até 1806, ano da criação do Estado civil napoleónico, consultei os registos civis conjuntamente com os registos paroquiais, em busca, principalmente, de certidões de nascimento, batismo, casamento e morte. No entanto, para o período anterior a 1806, na maioria, só os atos paroquiais podiam dar indicações sobre o assunto.

A perspetiva da investigação baseou-se na reconstrução da ancestralidade a partir dos avós (em italiano: pesquisa por “quartos”). Este método, praticamente o único aplicável, impõe começar pelos quatro avós e procurar os pais, os pais dos pais e assim por diante, a chegar o mais longe possível.

No meu caso, tinha uma vantagem, já que as minhas avós eram irmãs e por isso só tinha três ramos para reconstruir.

Então consegui definir a minha árvore genealógica com mais de sessenta ascendentes, recuando no tempo até o final de 1600.

E antes...?

Bem! Aqui, a investigação genealógica no sentido estrito foi, por algum tempo, interrompida e deu lugar a outras linhas de investigação em que a onomástica (ou antroponímia), que estuda o significado de nomes e sobrenomes, e a genética, entraram em campo.

Embora alguém tenha catalogado o meu sobrenome, Vasapollo, como sendo de origem sarcástica (nos dialetos do Sul pode soar como “beija o frango”), é de origem grega, Βασσσοος - Vasopoulos, composto



*Imperador Basílio I (811-886)*

pela raiz “Vaso”, forma truncada de Vassiliki (Basílio), e o sufixo “poulos” (filho). É, portanto, um patronímico, isto é, um sobrenome, derivado de um genearca principal que tinha os seus descendentes definidos como “filho(s) de Basílio”.




A notícia mais antiga sobre isso foi encontrada num diploma de investidura pela Rainha Maximilla de Hauteville, irmã do rei Ruggero II, graças a quem sabemos que em Oppido Mamertina (na província de Reggio Calabria) em abril de 1137 havia filhos camponeses de um certo Basiliopollo (“filii Basiliopoli” / “υασιελλου”), que estava sujeito aos impostos do Senhor local.

É, portanto, plausível que nos tempos medievais, após a segunda colonização bizantina (séculos IX-XII), um indivíduo (ou mais de um) chamado Βασιλιπουλος / Βασιλοπος / Βασοπουλος / υασιλοπλλουλουο, um descendente direto de um genearca chamado Basílio, tivesse vindo do Oriente (atual Grécia, provavelmente) para o sul da Itália. Mais tarde (entre os séculos XII e XIII?), este nome foi latinizado em Vasapollo e, em resposta às necessidades de compreensão das gentes da nova área de receção (Calábria e/ou Sicília), assumiria uma conotação sarcástica.

“Vasapollo”, portanto, teria duas características distintas: uma originalmente bizantina de derivação patronímica (Filho de Basílio) e outra adquirida mais tarde no sul da Itália (“Bacia il Pollo” – “Beija o Frango”).

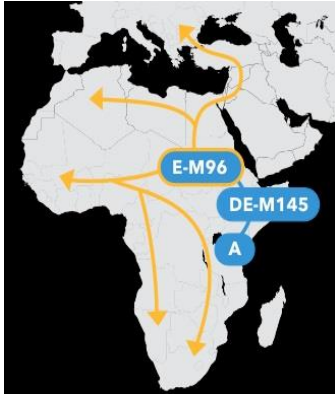
A genealogia funde-se, portanto, aqui com a onomástica, de forma a tornar plausível a hipótese de que um antigo fundador da minha linha paterna se chamasse Basílio.

Que a minha origem seja grega, a genética assim o diz. De três análises de ADN que efetuei, duas dão uma percentagem de pertença à região greco-balça de cerca de 5% e a terceira indica em 34% uma origem grega e sul-italiana.

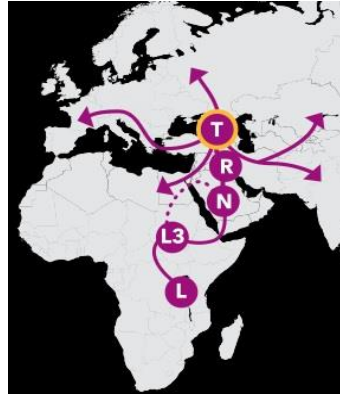
							
POPULATION	CONFIDANCE			POPULATION	POPULATION	POPULATION	POPULATION
	50%	70%	90%				
EUROPEAN	73.02%	71.00%	64.20%	75.70%	EUROPEAN	98.00%	EUROPEAN
Southern European	79.4%	71.0%	54.2%	72.2%	Southern European	98.0%	Southern European
Italian	72.1%	62.9%	44.5%	38.3%	Italian	93.0%	Southern Italy (Calabria & Sicily)
Greek & Balkan	5.7%	4.8%	4.0%	33.9%	Greek & South Italian		Greece & Albania
Sardinian	0.6%	0.5%	0.2%				
Broadly Southern European	1.0%	2.8%	5.5%				
Central-Eastern European	0.0%	0.0%	0.0%	2.2%	Central-Eastern European		
Ashkenazi Jewish	0.0%	0.0%	0.0%	0.0%	Ashkenazi Jewish		
Northern European	0.0%	0.0%	0.0%	1.3%	Northern European		
British & Irish	0.0%	0.0%	0.0%	1.3%	Irish, Scottish and Welsh		
WESTERN ASIAN & NORTH AFRICAN	20.6%	16.7%	7.3%	24.3%	WESTERN ASIAN & NORTH AFRICAN	2.0%	WESTERN ASIAN & NORTH AFRICAN
Northern Western Asian*	17.6%	10.8%	3.7%	2.8%	Western Asian*		
Iranian, Caucasian & Mesopotamian	8.4%	6.3%	2.4%				
Cypriot	2.4%	0.7%	0.0%				
Anatolian	0.7%	0.6%	0.2%				
Broadly Northern West Asian	6.0%	3.2%	1.1%				
Arab, Egyptian & Levantine	1.0%	0.4%	0.0%	6.4%	Middle Eastern*		2.0% Middle Eastern*
Coptic Egyptian	0.5%	0.0%	0.0%				
Broadly Arabian, Egyptian & Levantine	0.5%	0.4%	0.0%				
North African	0.4%	0.0%	0.0%	15.1%	Jewish-Sephardi - North African*		
Broadly Western Asian & North African*	1.6%	4.6%	3.6%				
UNASSIGNED	0.1%	13.3%	38.0%				

Parece o limite do que podia ser extraído da pesquisa, não é...?

Pelo contrário, vou dizer que há 65 000 anos os meus antepassados ainda mais remotos percorreram a África Oriental!



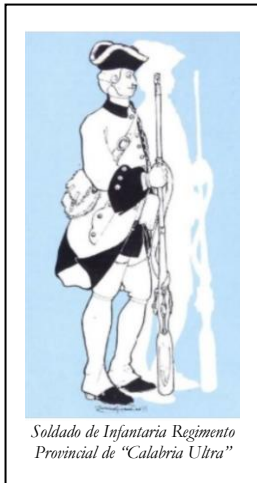
*Linee aplogrupo paterno*



*Linee aplogrupo materno*

Mais uma vez, é o que diz o ADN indicando haplogrupo materno L3 e haplogrupo paterno DE-M145, ambos da África Oriental. Os haplogrupos podem ser representados como os grandes ramos da árvore genealógica do Homo Sapiens de onde todos descendemos. Um subgrupo paterno testemunharia que Napoleão Bonaparte e eu teríamos um antepassado comum! Uau!

Voltando à Genealogia, numerosas são as histórias que aprendi durante a minha pesquisa.



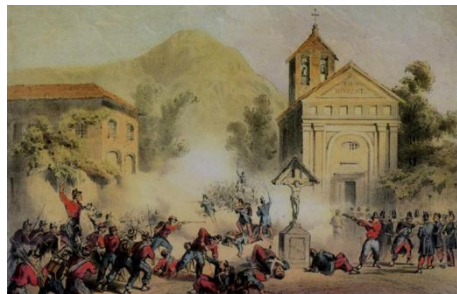
*Soldado de Infantaria Regimento Provinciale de "Calabria Ultra"*

A de Simone Vasapollo, corporal nas prisões de Cantanzaro, que durante o período da carestia que, nos anos 1763 e 1764, atingiu todo o Reino de Nápoles, procurava nas casas “*onde o pão era oferecido, e ... tinha o cuidado de cada manhã cortar cada pão em pedaços muito pequenos, e assim entregá-lo aos presos fiscais, tanto que pode afirmar-se com verdade, que se o supracitado Simone não tivesse contribuído com a sua caridade, e assistência, certamente a maioria dos prisioneiros teria minguido de fome*”.

A de Raffaele Vasapollo, que na passagem de Garibaldi por Vibo Valentia alistou-se como voluntário para segui-lo até à Batalha de Voltorno e depois tornou-se efetivo no exército piemontês como “caçador

de baixa força” (soldado simples) na 17ª Divisão Medici.

A história, relatada num jornal da época, do meu bisavô Ignazio que em março de 1891 “encontrou a carteira do Sr. Domenico Pileggi de S. Onofrio, que continha a respeitável soma de 80 liras (atual 340.00€, Nota do Autor), que entregou ao diretor do Instituto Cav. Casablanca”.



E mais ainda: terremotos, amores, caça aos bandidos...

As histórias... são as que intrigam e fascinam, e a própria História, aquela com a “H” maiúsculo, inclui e por sua vez percorre as histórias com o “h” minúsculo. E quais são as histórias mais acessíveis? As daqueles que estão mais próximos de nós. Então, por que não começar com aquelas que contribuíram para que fossemos gerados?

Genealogia, Antroponímia e Genética reconciliaram aquele jovem orgulhoso de 18 anos com a História, (re)descoberta através da história dos seus próprios antepassados, da cidade e da região em que nasceu.

Esta história ofereço-a como testemunho em como o interesse por elementos identitários como a família e o território pode constituir uma das alavancas em prol de uma melhor consciência de si mesmo. Aqui se descobriu a utilidade de entrar em contacto e de explorar a história, *esse grande catálogo de eventos*, que nos pode fazer entender como somos feitos e ajudar a perceber as formas como nos podemos vir a comportar no futuro, quando em situações semelhantes às que ocorreram no passado. É evidente que isso pode ser de grande utilidade em tenra idade, num período crucial da vida quando o processo de crescimento do indivíduo começa a acelerar.

É igualmente compreensível que usar o storytelling nesta perspetiva (escrita, teatro, música...) é a melhor via, tanto para consolidar dentro de si o património adquirido, como transmiti-lo ao seu próprio ambiente, com repercussões benéficas no sentido de identidade e autoestima.